

Revista Adventista

Órgão da União Portuguesa das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia

Levanta-te, Igreja, e acaba a tua obra

Um apêlo ao evangelismo feito pelo Concílio do Outono de 1940

Deus confiou aos arautos da Terceira Mensagem Angélica a formidável tarefa de dar aos homens a mensagem final do céu — uma mensagem apresentando o Seu último oferecimento de misericórdia a um mundo em revolta, uma mensagem que decidirá o destino eterno de cada indivíduo sôbre a terra. A hora suprema da história humana que a igreja tem há tanto tempo aguardado manifestamente chegou, agora que no meio das cenas das perturbações terrenas, misturadas com celestial poder e glória, tais como o mundo nunca dantes viu, a mensagem deve terminar triunfantemente.

Chegou a hora de soar o alto clamor do terceiro anjo, em que o poder divino se deve unir ao consagrado esforço humano. À medida que a oposição aos apelos da mensagem atinge o seu auge, a Verdade deve tornar-se o centro da atenção e decisão do mundo, e há-de ser levada a todos os homens em tôda a parte.

Está chegada a última hora. Os dias de angústia, há muito preditos, estão sôbre nós. A provação terminará em breve. O mundo encontra-se num estado de excitação sem precedentes. O conflito das nações espalha-se por tôda a terra. A velha ordem de coisas está a passar. O que não temos feito em tempos de relativa paz e prosperidade, em países ainda abertos à nossa acção, tem de ser feito em breve sob as mais difíceis condições.

Temos estado noventa e seis anos no tempo da Mensagem do Terceiro Anjo. Verdadeiramente chegou a hora de nos levantarmos e terminarmos a obra. Devemos aprender a lição daqueles países onde hoje o evangelismo público é seriamente impedido. Devemos aproveitar as portas de oportunidade que estão ainda abertas — na Europa, na América Setentrional, Central e Meridional, na África, na Índia, no Oriente, na Austrália — antes que se fechem e que tenha passado para sempre a oportunidade.

A hora da provação está prestes a terminar. O que fazemos, façamo-lo de pressa. Devemos portanto ter uma nova visão do que Deus espera de nós, e do nosso dever para com Êle. Devemos compreender o que Êle nos oferece para esta momentosa hora. Devemos orar para que venha a chuva serôdia neste tempo de chuva serôdia. Devemos ampliar os nossos planos, e proceder à tarefa que nos foi dada por Deus com duplicada rapidez.

Chegou o tempo de pôr de lado tôda a letargia e complacência própria. Devemos tender ao supremo objectivo de terminar a nossa tarefa. Devemos orar por um reavivamento da verdadeira piedade em nossos corações.

O evangelismo público deve ser levado agora ao seu mais alto grau possível. Homens dotados por Deus com dotes evangelísticos especiais devem fazer ouvir nas grandes cidades a última mensagem de misericórdia. Devemos capitalizar o interesse público presente, e aproveitar os acontecimentos actuais para proclamar a vinda de Jesus.

Devemos trabalhar em lugares onde ainda não trabalhámos — cidades, vilas ou aldeias —, onde ainda não ha representantes da igreja. Devemos dedicar mais obreiros ao contínuo evangelismo público em nossas conferências e missões. Devemos educar mais jovens para o ministério evangélico, prendendo-os indissolúvelmente ao esforço evangelístico.

Todos os recursos possíveis deviam ser destinados e empregados em realizar êste grande objectivo. Todo o obreiro devia fazer da obra de ganhar almas o objectivo supremo de todos os seus esforços. Deviam-se desenvolver rapidamente e dar crescente responsabilidade a obreiros tanto nacionais como indígenas. O mundo devia ser semeado com a literatura da mensagem. Os esforços consagrados dos nossos leigos e oficiais de igreja deviam juntar-se com

renovada eficiência aos dos nossos ministros num esforço vasto e incessante para se acabar rapidamente a nossa obra. Os talentos escondidos do nosso grande exército de jovens deviam ser aproveitados, educados e introduzidos neste grande movimento de evangelismo. O espírito de sacrifício e serviço em ganhar almas deve tornar-se a nossa suprema paixão. Tempos de emergência requerem planos de emergência e acção.

Os delegados reunidos no Concílio do Outono de 1940 fazem um ardente apêlo a tôda a nossa igreja e a todos os ministros em todo o mundo para que se unam em oração e devotada con-

sagração a Deus a-fim-de que a divina energia do Espírito Santo possa caracterizar as nossas vidas e serviços. A igreja remanescente fazemos um ardente apêlo para a acção evangelística em harmonia com a clara ordem de Deus para este tempo : Levanta-te, igreja, e termina a tarefa que te foi confiada.

St. Paul

22 de Outubro de 1940

*Concílio do Outono dos Adventistas
do Sétimo Dia*

«Portai-vos varonilmente»

Por W. R. BEACH

Esta injunção encontra-se entre as últimas instruções do apóstolo Paulo à igreja de Corinto.

S. Paulo tem bastantes conselhos para os fiéis daquela metrópole. Cada página das suas epístolas, a êles dirigidas, está cheia de admoestações. Na primeira, o escritor parece saltar de um assunto para outro, todavia não sem dar a devida atenção ao assunto que está tratando; e por fim chega aos pensamentos com que encerra a carta. Esta parte da epistola é despida de todo o pormenor ou ornato desnecessário. Em estilo sóbrio, e com pouca ordem preconcebida, o apóstolo acumula na última página uma admoestação após outra, e dirige o seu derradeiro apêlo. a sua final ordem do dia, por assim dizer: «Vigiai, estai firmes na fé: portai-vos varonilmente, e fortalecei-vos.» (1 Cor. 16:13).

A injunção do apóstolo era apropriada à igreja de Corinto. Aqueles tempos exigiam corações fortes na causa cristã. E assim, escrevendo a Timóteo, êle admoestava: «Sofre, pois, comigo as aflições como bom soldado de Jesus Cristo.» (2 Tim. 2:3). E ainda aos crentes disse: «Porque a vós, vos foi concedido em relação a Cristo, não somente crer nêle, como também padecer por Êle.» (Fil. 1:29). É portanto evidente que a observação aos Coríntios tinha por fim prepará-los para as provações que os esperavam.

Os Coríntios não ficaram, suponho eu, muito impressionados com o anúncio do apóstolo relativo a uma áspera provação. Êles estavam familiarizados com a história do passado. Sabiam que os homens e mulheres que se têm agrupado em volta do ensino de Deus sempre têm estado preparados para combater o bom combate da fé. Nobres exemplos o atestam,

como os que recordava o apóstolo Paulo para encorajamento dos crentes. Eis, por exemplo, o que êle escreveu aos Hebreus:

«E que mais direi? Faltar-me-ia o tempo contando de Gideon, e de Barac, e de Sansão, e de Jefté, e de David, e de Samuel e dos profetas, os quais pela fé venceram reinos, praticaram a justiça, alcançaram promessas, fecharam as bocas dos leões, apagaram a fôrça do fogo, escaparam do fio da espada; da fraqueza tiraram forças, na batalha se esforçaram, puseram em fugida os exércitos dos estranhos. As mulheres receberam pela ressurreição os seus mortos; uns foram torturados, não aceitando o seu livramento, para alcançarem uma melhor ressurreição; e outros experimentaram escárneos e açoites, e até cadeias e prisões. Foram apedrejados, serrados, tertados, mortos ao fio da espada; andavam vestidos de peles de ovelhas e de cabras, desamparados, aflitos e maltratados (dos quais o mundo não era digno), errantes pelos desertos, e montes, e pelas covas e cavernas da terra. E todos êstes tendo tido testemunho pela fé, não alcançaram a promessa; provendo Deus alguma coisa melhor a nosso respeito, para que êles sem nós não fôsem aperfeiçoados.» (Heb. 11:32-40).

«Tais exemplos não se encontram só na Bíblia. Abundam também na história humana. Os Valdenses e os Huguenotes, Wycliffe e Huss, Jerónimo e Lutero, Tyndale e Knox, Zinsendorf e Wesley, com muitos outros, testemunharam o poder da palavra de Deus contra o humano poder em apoio do mal. Êles constituem a verdadeira nobreza do mundo. Esta é a sua linhagem real. É nas suas fileiras que a juventude de hoje é chamada a tomar lugar.» *Education*, pp. 54,55).

Com efeito, não só a juventude de hoje, mas a igreja de hoje, deve estar pronta a servir nas fileiras dos heróis espirituais da terra. O remanescente povo de Deus deve fortalecer seus corações para o conflito final. E do carácter e objectivo desse conflito podemos estar inteiramente certos. O apóstolo João, olhando através dos séculos, viu as vicissitudes que provariam a igreja. Escreveu também para nosso encorajamento a visão que predizia a emergência da igreja vitoriosa. Mas haverá casos fatais. «Sê fiel até à morte», é a ordem divina que êle ouviu em visão, «e dar-te-ei a coroa da vida».

Dirigindo-se há alguns anos aos crentes, a mensageira do Senhor, aludindo a isto, afirmou: «As provas que sobrevieram ao povo de Deus nos dias de Ester não eram peculiares àqueles tempos somente. O revelador, penetrando os tempos até ao fim dos séculos declarou: «o dragão irou-se contra a mulher e foi fazer guerra ao resto da sua semente, os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus Cristo.» Alguns dos que hoje estão vivendo na terra verão cumpridas estas palavras. O mesmo espírito que nos séculos passados levou os homens a perseguir a igreja verdadeira, levá-los-á no futuro a tomar uma atitude semelhante para com os que mantêm a sua lealdade para com Deus. Desde já estão sendo feitas preparações para este último grande conflito». (*Prophets and Kings*, p. 605).

Para vencer na crise final é necessária de facto a manifestação do espírito heróico, do verdadeiro espírito heróico. Mas urge fazer-se aqui uma distinção. Há duas classes diferentes de heróis. Há os heróis que parecem insensíveis ao perigo. Provocam, se necessário fôr, um conflito, e então permanecem indiferentes aos perigos que cercam o caminho. Preferindo ignorar as dificuldades, lutam imperturbáveis. Executam feitos brilhantes e são admirados.

Mas não é este o espírito que devia actuar nos heróis da igreja remanescente. Deveriam antes participar do espírito da segunda classe que desejamos mencionar. Esta segunda classe é composta por homens e mulheres que, sem dúvida, estão inteiramente prontos para espessar uma causa perigosa; mas este facto não os cega para os perigos que os cercam. Estão conscientes do perigo da sua tarefa, vendo claramente os riscos que a esperam; e portanto tomam todas as precauções possíveis. Não são temerários nem presunçosos, mas haurem as suas forças no sentido do dever para com uma nobre causa. Erguem-se sobranceiros a todos os temores pessoais.

Êstes são os verdadeiros heróis da vida, e todo o verdadeiro Adventista do Sétimo Dia devia encontrar-se hoje entre êles. Não nos de-

vemos deixar cair imprudentemente em dificuldades. Não devemos dar pretexto a hostilidade para com a causa. Mas devemos estar prontos a realizar a todo o custo a tarefa que nos é designada. Devemos estar prontos a aceitar a responsabilidade criada pelos princípios em risco. Acima de tudo devemos conservar uma clara consciência destes princípios e da sua importância eterna para a humanidade. E então, tendo pesado todas as possibilidades, devemos estar preparados, na fortaleza de Cristo, para agir valorosamente na Sua causa e pelo Seu nome...

O espírito de heroísmo paira hoje no ar. Por causa de um grande ideal, ou possivelmente de alguma vantagem material, os homens em volta de nós estão prontos a dar as suas vidas. Chegam até nós entusiásticas narrações de feitos realizados pelos soldados de tôdas as nações. Ouvimos falar de aviadores que entre o céu e a terra se distinguem no serviço. Falamos também de marinheiros que continuam a oferecer resistência até que a coberta do seu navio fica submergida nas águas. Muitos outros feitos bravos e corajosos são realizados diariamente a custo da própria vida. E tudo isto não pode ter outro efeito que não seja despertar as nossas almas; mas não se trata aqui de um ideal tão nobre, — pelo menos é transitório, sem promessa e esperança para o grande amanhã.

Tal não é o caso para os heróis da cruz. Êles não lutam para ganhar uma coroa ou honra terrena, algum objectivo transitório ou glória nacional. O seu alvo é a vida eterna — vida eterna como um dom comprado a preço de sangue para todos os que aceitarem a Cristo. E assim, pela operação do Espírito de Deus em nossos corações e vidas, poderemos enfrentar as provas e lutas do nosso grande conflito com verdadeiro espírito de heroísmo, e portar-nos valorosamente.

CAELI...

Quem na abóbada imensa
Pôs a lâmpada suspensa
Do sol que o dia nos dá?
E há quem se atreva, se afoite
A contar os sóis que à noite
Nos alumiam de lá?

Quem é que, se um braço estende,
A lua em pino suspende
E aos homens diz: Descançai!
Filhos de quem vos adora,
Meus filhos, dormi agora;
Vela agora vosso pai!

João de Deus

Será permitido às senhoras falar na Igreja ?

O apóstolo Paulo escreveu à Igreja de Corinto : «As mulheres estejam caladas nas igrejas ; porque lhes não é permitido falar ; mas estejam sujeitas, como também ordena a lei.» 1 Cor. 14:34. Alguns têm-se perturbado com esta passagem, duvidando que ela seja aplicada hoje.

Julgamos útil o comentário ao texto, que passamos a apresentar.

A respeito dêste texto, devemos ter em mente as simples régras que se aplicam na interpretação de qualquer texto da Bíblia. Uma dessas regras é que devemos lembrar-nos do tempo e das condições em que a frase foi escrita. É uma idéia errônea de algumas pessoas, a de que o tempo e as circunstâncias não têm relação com as declarações inspiradas. Algumas das próprias palavras de Paulo constituem a melhor ilustração do que acabamos de dizer. Ele fala de certas coisas que são permitidas, mas que não convêm. Ora, a conveniência não é uma questão de moral, mas de bom gosto e de propriedade, e geralmente em relação com um tempo particular ou com circunstâncias especiais. Ou pode ainda implicar a questão de a atitude de alguém constituir uma pedra de escândalo para outro. Por exemplo, não havia pecado em comer carne oferecida aos ídolos. Mas não era muito conveniente fazê-lo em certas circunstâncias, porque alguns fracos na fé podiam ficar perturbados em suas mentes, e podiam concluir que quem comia estava dando alguma importância aos ídolos.

Ora o apóstolo que nos deu o conselho de que algumas coisas não são convenientes, é o mesmo que escreve o conselho : «As mulheres estejam caladas nas igrejas.» É um simples caso de história que no primeiro século, quando Paulo escreveu, era considerado absolutamente deslocado para as senhoras evidenciarem-se na vida pública, e especialmente na vida religiosa. E daqui a fácil possibilidade de que a actividade pública da parte das senhoras pudesse trazer má reputação ao Evangelho.

Um segundo facto a recordar é que Paulo não está aqui tratando da questão se certas senhoras, que podem ter sido chamadas especialmente por Deus ou ter sido particularmente preparadas para a vida pública, podem falar. Ele estava discutindo a questão das senhoras em geral, pois que naquêles tempos, em que as senhoras não recebiam educação alguma, difficilmente se poderia esperar que contribuissem muito, se é que alguma coisa, para a edificação da Congregação.

Segunda regra de interpretação

E isto leva-nos à segunda regra ; a saber, que devemos examinar um texto collocando-o no seu contexto. Noutras palavras, qual é o pensamento geral que está sendo apresentado na passagem em que o texto se encontra ? É evidente que Paulo está verberando uma tendência na igreja de Corinto de entrar em actividade indecorosa e desordenada no seu culto público. Procuravam falar diferentes línguas, e alguns dêles ao mesmo tempo. Alguma fase da situação em Corinto que contribuiria para a confusão e para a má reputação da igreja estaria naturalmente sob a censura de Paulo. O contexto mostra que Paulo estava ainda defendendo a propriedade de alguns homens para falarem. Em vista disto, e em vista do que dissemos a respeito do estado e educação das senhoras no primeiro século, é fácil de compreender por que Paulo falaria como falou no verso trinta e quatro.

Terceira regra de interpretação

Mas estamos certos de que Paulo nunca teve em mente que as suas palavras, que eram dirigidas a uma situação específica, devessem ser usadas para impedir que tôdas as senhoras, simplesmente pelo facto de serem senhoras, tomassem qualquer parte activa nos serviços públicos da igreja. Esta conclusão pode deduzir-se de um exame mais atento do contexto e seguindo a terceira regra de interpretação ; a saber, que qualquer texto na Bíblia deve ser interpretado à luz de todos os outros textos. Paulo fala aqui a respeito de profetizar, e dá as suas instruções sôbre o modo como os profetas deviam falar. Ora, profetas são as pessoas a quem é dada uma especial mensagem de Deus, e certamente elas devem comunicá-las à igreja. Com isto concordaria Paulo. Mas uma leitura do livro dos Actos e um estudo das viagens de Paulo revelam que êle esteve em contacto com alguns profetas que eram senhoras. E todavia nenhuma censura foi feita por êle, e ninguém a esperaria. Lemos tanto no Velho como no Novo Testamento de senhoras que fôram profetisas, e que colaboraram de uma maneira muito activa na obra de Deus.

Nem necessitamos de mostrar que uma senhora é uma profetisa para justificar que ela fale na igreja. O simples facto de Deus chamar senhoras como Suas intérpretes é sufficiente

O sábado na Etiópia segundo os escritores portugueses

É muito obscura a origem do Cristianismo na Etiópia, tudo levando a crer porém que cedo tenha sido introduzido nesse país. Ao velho Cristianismo centenário veio enxertar-se pelo século XII a heresia monofisita, filha das elocubrações de Eutíquio e sobretudo de Dióscoro, que no século V defenderam a idéa heterodoxa de que em Cristo não havia duas naturezas, a divina e a humana, mas sim uma única natureza, a divina, na qual se encontrava fundida a humana. Esta heresia, cumulativamente com antigas práticas cristãs até então seguidas, deram origem à religião oficial da Abissínia, — a Igreja Copta-Monofisita.

Pelas suas condições geográficas e históricas, durante muitos séculos a Etiópia esteve sequestrada do contacto com a Europa, e a pouco e pouco a sua religião, os seus costumes, a sua forma de governo, foram-se envolvendo num manto de mistério, que na Idade Média revestiu tôdas as características da lenda — a lenda do Preste João.

Pelo século XVI uma curiosidade incoercível agitava as mentes da Europa — curiosidade essa que levou os europeus a procurar novas terras, a investigar as religiões antigas e a voltar às origens.

A revelação da Etiópia aos Europeus

Os portugueses partiram em fins do século XV e princípios do século XVI em demanda das terras do Preste João, e alcançaram-nas de facto. Logo se procuraram laços de amizade. Trocaram-se embaixadas. Um dos embaixadores da Abissínia ao Rei de Portugal e ao Papa foi Zaga Za Ab, enviado ao nosso país em 1527. Com êle estreitou laços de íntima amizade o humanista Damião de Góis, que, ávido de saber, lhe pediu a sùmula das crenças sustentadas pelos Êtiopes de então.

Esse resumo apresenta-o Damião de Góis no livro publicado em Louvain em 1540, *Fides, religio, moresque Aethiopum*, em belo latim clássico, ao gôsto do humanismo da época. Que a obra foi lida e apreciada, provam-no as suas duas edições logo no ano seguinte, uma de novo em Louvain e outra em Paris. O livro levou o autor, passados anos, aos cárceres da Inquisição, porque «huma coisa he relatar simplesmente os ritos de huma nação e outra querellos corroborar com razões falsas», como dizia o Inquisidor Geral, Cardial D. Henrique.

Foi esta obra que veio revelar à Europa moderna algo do velho Cristianismo da Etiópia.

Simultaneamente com algumas doutrinas e práticas errôneas,¹ vinha trazer à luz o facto maravilhoso de que outras doutrinas e práticas do Cristianismo primitivo, deturpadas com o andar dos séculos, se encontravam ainda intactas nesse lendário e até então desconhecido recôndito do mundo

Uma das novidades apresentadas era que na Abissínia se guardava o Sábado. «E guardamo-lo, afirmava Zaga Za Ab, porque foi nesse dia que Deus descansou depois de terminada a criação e o santificou; e se não o celebrássemos com grande honra e religião, iríamos claramente contra a vontade e preceito d'Aquêle, que antes quere que o céu e a terra passem do que a Sua palavra, tanto mais que o mesmo Cristo não veio para abolir mas para cumprir a lei. Não é para imitar os Judeus que o guardamos, mas sim por mandado de nosso Senhor Jesus Cristo e dos Santos Apóstolos.»²

Mas vindo de longe, e em terra tão estranha, não teria o embaixador informado mal o nosso célebre humanista, e êste por sua vez informado mal a Europa?

Os missionários portugueses na Etiópia e o Sábado

Após o período preliminar das embaixadas, os missionários jesuítas portugueses introduziram-se na Etiópia, pelos meados do século XVI, umas vezes gosando do mais alto favor dos imperadores em cuja côrte tiveram assento, outras vezes perseguidos e escoraçados.

Ora êsses missionários católicos, alguns dos quais escreveram sôbre a Abissínia, vêm justamente confirmar o que Zaga Za Ab dissera.

Em Fevereiro de 1559, vendo o Bispo André de Oviedo que nada consegue fazer para a conversão do négus e dos abexins ao catoli-

¹ Como por exemplo a prática da circuncisão, e a cumulativa observância do Sábado e do Domingo.

² «Diem Sabbati ob id quod Deus in eo mundi perfecta creatione quievisset, servamus, quem ut vocari voluit, Sanctum sanctorum, ita plane videretur contra ejus voluntatem et praeceptum fieri, qui caelum et terram potius, quam suum verbum pe rire vult, si cum magno honore, ac religione is dies non celebraretur, praesertim cum ipse Christus non ad solvendum legem, sed ad implendum venerit. Quapropter non ad imitationem Judaeorum, sed iussu Domini nostri Jesu Christi, et Sanctorum Apostolorum eum servamus...» (Da 1.^a ed., não paginada).

cismo, sai da côrte e publica uma sentença em que os declara em massa como herejes, cismáticos e apartados da santa madre Igreja, e um dos erros que lhes aponta é que «guardam públicamente os Sábados... e muitos estranham ou têm por pecado comer carne de porco e lebre, e outras coisas, as quais eram da lei de Moisés, que nisto já cessou, pela morte de Cristo.»¹

Ao contrário do bispo coadjutor D. André de Oviedo, o missionário P. Pero Pais teve o condão de cair nas boas graças do Imperador, mais tarde, nos princípios do século seguinte. Aprendeu a língua da terra, sustentou discussões públicas com os teólogos abexins e chegou a converter o próprio Imperador e alguns membros da sua família para a Igreja de Roma. Foi um profundo conhecedor das crenças etíopes da sua época. Eis o que êle diz a propósito: «Guardam também os Etíopes comumente o Sábado, e muitos dos frades com tão grande observância e rigor que parece que antes se deixaram matar que quebrá-lo».²

Escreve outro missionário, o P. Manuel de Almeida, pela mesma altura: «Estava tão introduzida na Etiópia a guarda do Sábado como na mesma Judeia».³

E em 1637 o P. Manuel Barradas: «Ainda retêm (os Etíopes), conservam e guardam com grande exacção muitos ritos e costumes judaicos (se com ânimo de judaizar não o defino, deixo a Deus que vê os corações, só a pertinácia que nêles mostram não aprovo, nem me parece bem), como a guarda do Sábado, de que são observantíssimos ainda agora...»⁴

Vemos por estas citações, de vários missionários, que sempre era uma realidade bem vivida a guarda do Sábado na Etiópia.

Os missionários levam os imperadores a publicar editos contra a guarda do Sábado

Quem mais se esforçou por fazer abandonar o Sábado aos abexins, e em certo sentido com relativo êxito, foi o P. Pero Pais. Ouçamo-lo:

«Quando eu entrei em Etiópia, nas primeiras disputas que tive com os letrados diante do Imperador Za Denguil, a primeira coisa que me perguntaram foi porque não guardávamos o Sábado. Respondi que porque o Sábado era principal cerimónia judaica e a principal figura do Testamento Velho, como declarou S. Paulo

ad Coloss. cap. 2.º, e como com a vinda e morte de Cristo nosso Senhor acabaram as cerimónias e figuras do Testamento Velho, não se podia guardar o Sábado, e por esta causa reprendia S. Paulo severamente aos Colossenses e aos Gálatas nas Epístolas que lhes escreve, porque guardavam o Sábado: e referindo-lhes êstes lugares e os mais do Sagrado Evangelho, com que se mostra que tudo isto é acabado, e declarando-lhes as razões porque a Santa Igreja guarda o domingo em lugar do Sábado, vieram alguns dêles a confessar que era certo não se poder guardar, e o imperador Za Denguil, que era de grande entendimento, mandou lançar pregão que ninguém guardasse Sábado dali por diante, e já o começavam a guardar particularmente na côrte; mas como pouco depois o mataram, tomaram logo o seu antigo costume, até que entrou o imperador que hoje vive, que, entendendo nossas coisas, lançou também pregão que ninguém o guardasse...»¹.

A epopeia dos observadores do Sábado

Êste segundo pregão ou decreto foi publicado pelo imperador Seltan Çagued em Junho de 1620, segundo o qual, «aos senhores que não fizessem lavar aos seus vilões em Sábado, lhes havia de tomar as terras, e aos vilões dar rigorosos castigos»².

Causou êste decreto grande efervescência nos ânimos e justificado descontentamento, prova do qual é uma carta enviada ao négus pelos cristãos do reino de Tigrê, no dia 20 do mesmo mês. Dos confins do seu império, alguém escrevia ao Imperador em nome dos ditos cristãos: «Vosso amor me deu licença por vos mandar esta carta, porque ouvi que vos deram trabalho os que não têm santidade nem ressurreição (quere dizer nós os padres que cá estamos, infôrma entre parêntesis o P. Pero Pais) para vos fazer deixar a lei do Criador e os Cânones dos Apóstolos, dizendo que não guardais o Sábado. Porque ouvís aqueles doidos? Porventura têm fome vossos filhos ou vosso arraial, para fazerdes isto?... Se me deras juiz, que não se enganara com facto senão que temera o dia da justiça, houvera de ir lá logo para os ouvir e falar a verdade. Se me trazem testemunhas do Evangelho que mentem sobre êle, como seus irmãos que falaram contra nosso Senhor, dizendo que quebrou nossa lei e nosso sábado, e que por isto o crucificaram e assim dizem: quebremos o Sábado, que o fez crucificar. Se negarmos isto ouviremos a S. João que diz que disseram os judeus que não sòmente quebrava o Sábado, mas dizia que seu Pai era

¹ In Beccari, *Rerum Aethiopicarum Scriptores Occidentales*, Romae 1907, p. 383.

² P. Pero Paez, *Historia da Ethiopia*, liv. 2, Roma 1905, p. 420.

³ P. Manuel de Almeida, *História de Ethiopia a Alta*, liv. 7, Roma 1907, p. 338.

⁴ P. Manuel Barradas, *Tratado II*, em Beccari, op. cit., vol. IV, Roma 1906, p. 290.

¹ P. Pero Paez, *ibid.*, p. 421.

² P. Pero Paez, *ibid.*, liv. IV, p. 375.

Deus, fazendo-se igual a Êle: por isto o crucificaram. Não seja assim... Eu escrevi isto, não sendo sábio, porque ouvi que o espírito dos profetas serve aos profetas, e diz nosso Senhor: não desprezeis a um dêstes pequenos porque seus anjos sempre olham o rosto de meu Pai»¹.

Esta carta enfureceu imenso o imperador, e não castigou o seu autor porque o não conseguiu haver às mãos. Mas a resposta foi «mandar logo o imperador lançar pregão de novo, que todos lavrassem Sábado, e a quem não lavrasse lhe tomassem o primeiro dia um pano, que será valia de um cruzado; e se comtudo isso não lavrasse, perdesse todo o seu fato e disso lhe pudessem demandar até sete anos, que é coisa que não se acrescenta senão em os pregões que se dão sôbre negócios de grande importância»².

Estas ordens provocaram enorme reacção, levando alguns súbditos, e particularmente os do Reino de Gojam e de Begameder a pegar em armas. Travou-se renhida luta, estando de um lado as tropas do imperador comandadas por seu irmão, católico também, Eraz Cela Cristos, e do outro lado as dos que guardavam o Sábado, comandadas pelo vice-rei Jonael.

Teve lugar o combate decisivo em 26 de Outubro de 1621, em que os observadores do Sábado ficaram derrotados.

Pouco interessam naturalmente os episódios bélicos desta epopeia, mas o que verdadeiramente interessa é que não foi sem altiva resistência que muitos dos etíopes receberam o decreto atentatório contra a sua fé e que a sua consciência lhes não permitia acatar.

Depois da tentativa da romanização à força dos abexins, succedeu-se a natural reacção por novo imperador, que expulsou os jesuítas portugueses em 1632. Terminou então a influência de Portugal na Etiópia. Na frase de Gibbon, referindo-se a êste período e a êstes acontecimentos, «As portas daquêle solitário reino ficaram para sempre fechadas para as artes, a ciência, e o fanatismo da Europa».

Depois dos portugueses

As tentativas para terminar com a observância do Sábado não surtiram efeito com a acção dos portugueses. Cinquenta anos depois da saída dos últimos missionários foi enviado pelo Arcebispo de Goa a assistir à Etiópia a alguns católicos que ainda lá havia, um sacerdote indiano, o P. Melchior da Silva. Em 1694 ou princípios de 1695 entrou disfarçado em mercador, e foi ao encontro dos antigos convertidos pelos missionários jesuítas. Mas com grande tristeza verificou que muitos dêles vol-

tavam já às antigas práticas, «e já começavam a... guardar os Sábados, como ainda agora ficam fazendo algum dos mestiços filhos de portugueses». ¹ Pelo visto, o uso propagara-se até aos próprios descendentes de portugueses... Mas o mais curioso, é que a-pesar de oficialmente lhes ser mandado que guardassem o domingo, não queriam perseverar nessa prática: «O seu patriarca, que ao presente os governa, manda que não guardem os sábados, e faz acintes trabalhar em sua casa, mas êles não querem obedecer, depois de êle se ir por outras terras discorrendo, por as terras serem largas». ²

Que saibamos, é êste o último testemunho apresentado até fins do sec. XVII. E depois? Terá continuado a ser guardado o Sábado? Hoje mesmo será êle guardado por alguns núcleos de cristãos etíopes?

Seja como fôr, o que é certo é que pelo menos até ao fim do sec. XVII o Sábado foi guardado na Etiópia, e por vezes defendido à custa do próprio sangue, facto que, se atendermos a que êsse país esteve durante tantos séculos sequestrado de influências estranhas, revela claramente como a observância do Sábado bíblico constituía um facto na Cristandade primitiva.

Ernesto Ferreira

(Conclusão da pág. 4)

para provar que a afirmação de Paulo em 1 Coríntios 14:34 deve ser compreendida com certos limites, e como applicando-se a certas condições. Julgamos absolutamente razoável sustentar que há outras senhoras além das estritamente chamadas profetisas que têm sido chamadas por Deus para desempenhar uma obra pública, e que têm recebido uma preparação especial para essa obra pública em escolas instituídas por Deus. Tais senhoras, além disso, têm estado sob as vistas dos ministros que são feitos responsáveis por Deus em manter bons obreiros para as igrejas. A única coisa de comum entre tais pessoas e as referidas por S. Paulo no texto em questão é o serem do mesmo sexo.

Paulo estava procurando que alguma coisa fôsse feita decentemente e em ordem, o que era um objectivo muito louvável. E nas condições locais então prevaletentes a consecução dêste objectivo requeria o conselho que êle ofereceu a respeito das senhoras. Mas nem a Escritura nem o senso comum require que as senhoras sejam banidas em todos os tempos e em todos os países para manter a decência ou a ordem em nossos serviços públicos.

(Da *Review and Herald*)

F. D. N.

¹ Ibid., p. 376.

² Ibid., p. 377, 378.

¹ Da sua extensa carta em Beccari, op. cit., vol. 1, Roma 1903, p. 416.

² Ibid., p. 425.

Através do mundo Adventista

A Conferência Geral — As novas assembleias (a 44.^a sessão) da Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia terão lugar de 26 de Maio a 7 de Junho em S. Francisco da Califórnia, Estados Unidos.

Angola — De um artigo de W. H. Anderson, na *Review and Herald*, de 9 de Janeiro do ano corrente :

«Partindo de Vila Luso, tive o privilégio de visitar, com C. W. Curtis e P. Stevenson, várias localidades de Angola. Na reunião em Lucusse havia muito boa assistência nesta nova e difícil secção do campo.

O ir. e irmã Rodrigues, com os seus auxiliares indígenas, estão fazendo um belo trabalho para o Mestre. Todavia não se encontram de saúde, e estão ansiosamente esperando que o médico regresse das suas férias para que possam receber conveniente tratamento. Estes missionários encontram-se a mais de cem milhas do caminho de ferro e muito mais longe ainda do auxílio médico, mas eles ali continuam, e dão alegremente as suas vidas no serviço do Mestre.

A reunião seguinte teve lugar na Missão da Luz. Ali está ao trabalho o ir. Falcão, com o auxílio de ajudantes africanos.

Uma das características especiais desta reunião e da missão, foi a bela classe de meninas indígenas que estavam presentes na reunião e que frequentam a escola. Tem sido difícil apanhar as meninas Chokwe na escola. Casam-se geralmente aos doze ou catorze anos de idade, e suas mães querem-nas para as auxiliar a tratar dos irmãos e irmãs mais novos até que por sua vez casem também.

Quando o ir. e a irmã Rodrigues estiveram na Luz, a irmã Rodrigues dedicou um grande interesse à obra das meninas, e com os seus limitados recursos próprios mandou construir um dormitório para casa das meninas. Ali encontrei vinte e quatro meninas cuidadas por uma menina mais velha. Estão trabalhando bem na preparação para a obra do Senhor.

A seguinte reunião foi na área Namba. Não temos agora obreiros europeus naquela área, mas os obreiros indígenas estão fazendo excelente trabalho. A obra indígena aqui está estabelecida de maneira a manter-se inteiramente a si própria. Estavam mais de setecentos assistindo à reunião. Foram batizados trinta e nove, e 106 manifestaram a sua determinação em seguir a verdade e inscreveram-se na classe baptismal.

Em seguida fomos para o Bongo, onde se encontra o seminário para a União. O ir. Fields é auxiliado por sua fiel esposa, e pelo ir. e irmã V. Chaves. Temos ali também um hospital, que presentemente está a cargo de R. Johnson, enquanto o Dr. R. B. Parsons se encontra na América em licença.

A assistência àquela reunião ultrapassou a casa dos 1200. Efectuaram-se 102 batismos, e 162 pessoas alistaram-se na classe baptismal no culto de reavivamento.

O meu espírito voltou a dezasseis anos atrás, quando três famílias foram para aquela missão iniciar o trabalho. Então nada havia. Agora vemos esta grande multidão. Estamos graíais a Deus pelas bênçãos que tem dispensado na Sua obra.»

Munguluni — Moçambique — De uma carta escrita em fins de Novembro, há pouco recebida, do nosso prezado ir. Carlos Gouveia, missionário em

Moçambique, pela qual vemos que se encontra de saúde, respigamos as seguintes linhas :

«O ir. Webster e toda a família saíram daqui em meados de Outubro e julgo que só deverão regressar em Abril.

«Não sei se sabe que esperamos outro filho para breve...

«Agora aqui vai um calor terrível; parece-nos que o ano passado não fez assim tanto calor.

«A situação da Missão continua na mesma. Temos a registar porém a alegre nova de que, há poucos meses, a Direcção de Instrução Pública de Lourenço Marques mandou uma nota dizendo que o requerimento em que pedíamos o Alvará para a Escola Elementar tinha sido deferido. Aguardamos a chegada do dito Alvará. Talvez que para o ano de 1941 já possa funcionar a Escola Elementar.»

Ao nosso caro irmão enviamos de longe um abraço de estreita fraternidade cristã, com os melhores desejos das bênçãos do céu para si e sua família presente e vindoura.

Boas notícias da Roménia — Na *Review and Herald*, de 26 de Dezembro, escreve o ir. A. V. Olson :

«Em Setembro de 1940 os jornais em muitos países anunciavam que no dia 9 um decreto fôra promulgado pelas autoridades na Roménia dissolvendo as organizações de igreja dos Baptistas e dos Adventistas do Sétimo Dia, e confiscando todas as suas propriedades denominacionais.

Este decreto devia ser levado a efeito imediatamente.

Os dirigentes da Igreja Baptista na Roménia foram aos nossos escritórios da União em Bucareste para trocarmos impressões e fazerem planos com os dirigentes da nossa obra. Juntos pediram a Deus auxílio e libertação, e juntos fizeram planos para levarem seus protestos e petições até ao Governo. Quando chegaram ao Ministério dos Cultos, foi-lhes dito que o ministro estava ausente e não podia ser abordado. Não podendo falar com quem tinha publicado o decreto, procuraram entrevistar-se com outros membros do ministério e oficiais do governo. Estes receberam-nos atenciosamente e ouviram com o devido respeito e consideração as suas afirmações e pedidos. E pelos devidos trâmites a situação foi também levada à atenção do chefe do governo.

Enquanto se procedia a estas negociações, as determinações do decreto estavam sendo levadas a efeito em numerosos lugares. Capelas eram-nas confiscadas pelas autoridades locais. As cadeiras e outros móveis eram levadas para outros fins. No domingo de manhã, de 15 de Setembro, o presidente do nosso belo Seminário em Brasov recebeu a notícia de que os oficiais iam chegar durante a tarde para se apoderar da instituição.

Sexta-feira à noite, 13 de Setembro, os dirigentes Baptistas e Adventistas foram convidados pelo ministro dos cultos a encontrarem-se com êle no ministério.

Em vez de os informar, como êles esperavam, de uma modificação no decreto, esforçou-se por os convencer de que deviam voltar às velhas igrejas estabelecidas pelo Estado, que tinham encontrado à sua chegada. Os nossos irmãos procuraram chamá-lo à razão, mas inutilmente.

Nesta altura todo o temor tinha deixado os nossos homens. Em seus corações havia uma consoladora certeza de que Deus traria a libertação. A maior

parte dos nossos edifícios estavam ainda em nossa posse, e na manhã de sábado os nossos membros reuniram-se da maneira usual.

Unidos erigiram as suas fervorosas preces ao trono de Deus, e entregaram o seu caso nas mãos daquele que ainda dirige os negócios dos homens.

No domingo de manhã os jornais noticiaram que certas mudanças tinham sido efectuadas no governo. Quando os nossos olharam para a lista dos ministros, descobriram que o anterior ministro dos cultos tinha sido removido, e que essa pasta tinha sido dada a outro. Nessa mesma manhã o novo ministro dos cultos tornou conhecido pela rádio que o decreto dissolvendo as igrejas Baptista e Adventista tinha sido suspenso, e que a ordem para confiscar os seus bens tinha sido anulada. Ao mesmo tempo emitiam-se ordens para que fôsse restituído tudo o que já tivesse sido levado das várias igrejas. O povo foi aconselhado a não perseguir os membros das igrejas em questão, mas a tratá-los atenciosamente. Prontamente as igrejas que tinham sido fechadas foram abertas, e os móveis que tinham sido levados foram trazidos de novo.

Os oficiais que deviam tomar posse do Seminário naquêlê mesmo dia não chegaram a vir.»

Agradecemos a Deus pela insigne vitória que concedeu aos nossos irmãos da Roménia, e que mais uma vez nos vem provar que Deus está sempre com os Seus filhos para os defender.

«**Sabatistas**» na Rússia — Pois nada menos que a existência de *Sabatistas* (com todas as letras em russo, a—pesar—do sabor retintamente português) nos é noticiada no relatório de uma viagem feita recentemente por um dos nossos irmãos à Europa sul-oriental:

«Um oficial russo na Bessarábia disse-me a respeito dos nossos crentes, que há muitos *Sabatistas* na Rússia. Disse ainda que tinha lido há pouco num dos jornais vindos da Rússia que o mais alto prêmio oferecido na República por trabalho bem feito foi concedido a um grupo de *Sabatistas*. Quando passei pela Yugoslavlia, há dias, o presidente da União disse-me que um jornal russo apresentava um quadro estatístico com o número dos adeptos das várias religiões existentes na Rússia. Nesse quadro, atribuíam-se aos Adventistas 120.000 membros. Não garantimos de maneira alguma a exactidão destes algarismos, mas eles provam que a nossa obra não está morta naquêlê país.»

Um milagre da graça de Deus — De novo voltamos a citar o ir. A. V. Olson, *Review and Herald*, 9 de Janeiro de 1941:

«Numa visita recente a um dos países da nossa Divisão, encontrei um irmão que tinha passado muitos meses no exército do seu país. É o ancião de uma das nossas igrejas. É um muito sincero cristão e um zeloso obreiro para Deus. Em sua própria aldeia êle trouxe um grande número de pessoas para a igreja. No exército, onde se esforçou sempre por honrar o Seu Deus e o seu rei, o Senhor deu-lhe graça tanto junto dos seus superiores como de seus inferiores.

Onde quer que se encontrava, esforçava-se por deixar brilhar a sua luz.

Um dia, quando em serviço para o exército em certa cidade, o nosso irmão entrou em conversa com alguns homens. Quando souberam que êle guardava o Sabado, disseram: «Há nesta cidade bastantes pessoas dessa religião.» Sabendo que não tinhamos igreja no local, ficou surpreendido e pediu-lhes o favor de o apresentar a alguns. Êles assim o fizeram. Para sua grande alegria, o nosso irmão encontrou quatro famílias de novos observadores do Sabado. Quando souberam que êle também observava

o Sabado, e era o ancião de uma de nossas igrejas, choraram de alegria.

Quando lhes perguntou como tinham conhecido a verdade, disseram que um certo policia, que no passado tinha sido muito zeloso em prender colportores adventistas e em confiscar os seus livros, se havia recentemente retirado do serviço. Não tendo mais que fazer, começou a ler os livros adventistas, de que tinha grande quantidade em sua posse. E em breve descobriu que, ao contrário do que lhe tinham dito, eram livros maravilhosos. Estando convencido de que os livros eram bons, sentiu-se levado a dar alguns a seus vizinhos. Indo de casa em casa, distribuiu os nossos livros repletos de verdade, e perto de vinte Bíblias que também tinha tirado aos nossos colportores.

Nas longas noites de inverno aquelas pessoas leram os livros que tinham gostosamente aceitado das mãos do ex-policia. À medida que liam, a luz brilhava em suas mentes e corações obscurecidos. Em breve a convicção se apoderou de suas almas. E então, ao mesmo tempo que o Espírito Santo aquecia os seus corações com o amor de Deus, um a um se renderam ao Senhor, e com o Seu auxílio começaram a guardar os mandamentos. Ao tempo da visita do nosso irmão, quatro famílias tinham já começado a guardar o Sabado, e outras estavam profundamente convencidas da verdade. Pedem agora um ministro que vá e as baptize.

Mais uma vez Satanaz perdeu outra batalha. Ele esforçou-se por destruir a obra do colporteur mantendo os livros guardados em casa do policia. Mas Deus, que pode converter a ira dos homens em motivo de glória para Ele, levou êsse mesmo policia a espalhar a semente do Evangelho no próprio lugar onde Ele tinha já preparado o terreno para a receber.»

Como se fundou uma igreja — Lêmos na *Revista Adventista* do Brasil:

«Recentemente se organizou num bairro de Buenos Aires, Argentina, uma igreja com 26 membros. Como se originou ali essa igreja?

Alguns anos atrás uma irmã, não podendo sempre assistir à escola sabatina no centro da cidade, começou em sua casa uma pequena escola, como departamento do lar.

Era ela verdadeira missionária, pois as actas das primeiras reuniões mostram que todos os sabados havia presentes várias visitas.

O interesse aumentou. Algumas visitas em breve se tornaram membros. Logo o departamento do lar se fêz escola sabatina anexa, continuando sempre a crescer, até poder ser organizada em igreja.

Existem muitos irmãos e irmãs isolados que, com o mesmo esforço podiam fazer de sua escola sabatina doméstica (departamento do lar) uma escola sabatina anexa, a qual por sua vez, se desenvolveria em igreja. «Hoje, se ouvirdes a Sua voz, não endureçais os vossos corações».

IMPORTANTE

Terminando com êste número o primeiro ano da REVISTA ADVENTISTA, lembramos aos nossos prezados assinantes que ainda não satisfizeram a importância da sua assinatura, a consciência de o fazerem quanto antes.

ESCOLA SABATINA

Classe dos menores

Psicologia da criança

Ao passo que os jovens tendem particularmente para o futuro, e nêle pensam e a êle se consagram inteiramente, pode talvez dizer-se que o fundo da psicologia da criança é a tendência para a acção presente. Não pensa no futuro a não ser de maneira accessória e accidental. A sua acção é uma conquista do presente, uma luta contra o que está em frente, tangível, e de que quer senhorear-se. Mesmo no berço, o bebé procura assimilar pela acção o que lhe cai sob as mãos. O objecto que segura, apalpa-o, mira-o de todos os lados, leva-o à bôca; bruscamente deixa-o cair, por falta de geito parecerá talvez; alguém se precipita para apanhar o objecto; a criança toma-o com alegria mas para o lançar de novo. Julgais que ela está possuída de um instinto obscuro e perverso que a leva a pôr à prova a vossa paciência. Enganais-vos. Obedece ao que se chama o instinto da causalidade. A criança percebeu com delícia que pode ser a causa de um movimento, de um ruído, e mesmo do deslocamento de uma pessoa grande. Sente-se alegre em usar e abusar dêsse poder. E é por isso que repetirá a experiência enquanto não estiverdes fatigado de lhe dar satisfação íntima e profunda.

A criança age pois para afirmar a sua causalidade e para possuir de alguma maneira os objectos que constituem o que, para ela, é o presente imediato. Tal é, no fundo, a psicologia do brincar.

O brincar

Porque brinca a criança? Será inútil e frívolo o brincar, como parecem crer muitas pessoas grandes? À luz do que acabamos de dizer, o brincar aparece pelo contrário como a actividade essencial da criança. A criança que brinca trabalha na realidade. É o seu trabalho característico. Parece-nos sem dúvida infantil; nem pode ser outra coisa, pois que se trata de uma criança.

É brincando que ela aprende a viver. A criança está num mundo demasiado grande para ela, rodeada de objectos desproporcionados à sua estatura. Convém criar em volta da criança um meio que lhe convenha; mas não se pensa nisso. E então, a criança cria-o por si mesma e como os seus meios são limitados, como não pode construir casa para o seu ta-

manho, nem fabricar móveis para o seu uso, faz trabalhar a imaginação. Os objectos que se põem à sua disposição servem para ela criar um mundo à sua feição; é o que chamamos o brincar.

Nestas condições, poderá fazer-se a educação da criança, instruí-la, fazendo-a brincar? Não hesitamos em responder afirmativamente. Deixemos que a criança aprenda brincando. É o que fêz, por exemplo, a Sr.^a Montessori. Ela manda algumas crianças para o jardim, para um local onde há um maravilhoso monte de areia e ensina-as a dispor, a modelar êsse monte de areia para que represente finalmente o relêvo do país. Faz assim uma carta geográfica. A criança divertiu-se prodigiosamente, porque gosta de brincar com areia, mas ao mesmo tempo tem uma vista de conjunto do país como se o tivesse percorrido em avião. A criança conhecerá tanto melhor esse país, quanto em vez de lhe ler uma descrição mais ou menos sêca, lhe apresentou a realidade à sua feição.

As crianças não são tôdas iguais

Temos evidentemente de distinguir entre os pequenitos, que têm menos de seis ou sete anos, e as crianças grandes pelo menos dos seis até aos doze ou treze anos. O que acabamos de dizer da psicologia da criança applica-se a tôdas, seja qual fôr a sua idade. Existe porém uma diferença entre as pequenas e as grandes crianças. É pela idade dos sete anos que a criança se inicia no raciocínio e que começa a adquirir as noções de causa e de efeito. É por isso que a partir desta idade ela faz um grande número de perguntas, sôbre o porquê e o como das coisas, enquanto que antes dessa idade as faz sôbre a natureza das coisas. Aos quatro anos quer saber se tal objecto é azul ou vermelho; aos sete dirá: Porque é êle vermelho? ou ainda: Como se fêz para êle ser vermelho?

Pouco a pouco chega a outra noção. Diz a si mesma: Porque se produziu tal coisa? e no seu espírito a palavra *porque* nem sempre tem o mesmo sentido que para os adultos. Eis um exemplo: a criança pergunta ao pai: *Porque crescem os meninos?* Que responderá o pai? A criança cresce porque come, e os elementos nutritivos absorvidos são materiais que o sangue distribue por tôda a parte para construir um ser cada vez maior, cada vez mais bem formado, mais apto para a vida. Mas a criança tem outra coisa em vista. Não pergunta na realidade *como* é que êle cresce, quais as causas dêste crescimento, mas sim quais as suas razões finais, *com que fim* êle cresce. Eis o que interessa à criança a partir de certa idade.

Ela descobriu a noção de finalidade. Com que fim existem as coisas? Com que fim foram feitas assim e não doutra maneira? Temos de confessar que são já perguntas de grandes pessoas.

Separação

É êste o motivo pelo qual na escola sabatina não é possível inscrever crianças grandes e pequenas na mesma classe. As suas curiosidades, aliás legítimas, não são as mesmas, e seria preciso muito para satisfazer cada uma. A criança grande perguntará: *Porque* quis Abraão oferecer seu filho Isaac? *Porque* não disse nada a seu filho? Mas a criança pequena perguntará: Como sucedeu? Por onde passou êle? Que caminho seguiu? Quanto tempo andou? É que ela quer assimilar a coisa, vivê-la pela imaginação, sem se preocupar muito com a causa, com o objectivo dêsses acontecimentos.

Compreende-se que a tarefa do monitor ou da monitora das crianças seja por vezes muito complicada. É por isso que se torna necessário escolher os melhores de que seja possível dispor. O adulto, e em rigor o jovem, corrigirão, se fôr êsse o caso, os erros do monitor e suprirão as lacunas do ensino, porque têm o senso crítico. A criança não pode fazê-lo; não dispõe dos elementos de controle necessários e a sua credulidade é sem limites. O ensino que se dirige às crianças é o mais difícil e o mais fatigante; exige muito mais competência, mais dedo, mais presença de espírito, mais paciência.

O monitor ideal

O monitor ideal das classes infantis deve compreender a natureza e as necessidades das crianças. Os seus alunos são ávidos de realidade e de acção; uns, os mais pequenos, para imaginar que «estavam lá» e os outros, os maiores, para conhecerem a razão e o fim dos acontecimentos que se lhes narra. Estas verificações darão ao monitor a medida das suas responsabilidades. Êle compreenderá o papel que desempenha na orientação religiosa dessas crianças. O seu ensino pode ter conseqüências longínquas e inesperadas.

O bom monitor nunca faz sentir à criança que é pequena; não procura convencê-la da sua inferioridade, porque sabe que a criança está exposta a conservar esta convicção tôda a sua vida. Conhecemos casos dêsses, precisos e dolorosos. Eis um novo motivo para não dar às crianças senão monitores com inteligência larga e coração grande, mestres capazes de compreender e de amar.

M. Tièche

As dificuldades de um professor da escola sabatina

Alguém bateu à porta do escritório do pastor, e a seu convite um dos professores da Escola Sabatina de sua igreja entrou.

— Meu Pastor, desejo falar-lhe um pouco sobre minha classe da escola sabatina.

— Às suas ordens, disse o pastor. Terei muito prazer em falar consigo.

— Vim falar-lhe porque estou completamente desanimado com minha classe.

— Há quanto tempo tem a classe?

— Já sou professor dela há 5 anos.

— Qual é sua principal dificuldade?

— Realmente não sei dizer, e é por isso que venho falar-lhe. Tenho tido a classe há tanto tempo; entretanto nenhum dos meus alunos é cristão, não se importam, não estudam, e parece-me que há qualquer coisa que não está bem.

— Já falou com êles pessoalmente alguma vez acêrca de aceitarem a Jesus?

— Não, não pessoalmente, mas tenho diversas vezes falado com êles quando estavam todos juntos, animando-os a serem cristãos.

— Deu-lhes oportunidade nessas ocasiões para mostrarem se queriam aceitar a Cristo?

— Não, nunca pensei nisso.

— Acha que realmente ama os alunos de sua classe?

— Eu pensava que sim, mas no entanto eu nunca lhes dei uma oportunidade para aceitar Cristo. Posso ver agora que quando falava com êles juntos na classe, eu poderia ter-lhes dado oportunidade para fazer qualquer demonstração. Mas eu realmente não tenho tempo para falar com êles pessoalmente.

Só os vejo no Sábado, durante a hora da escola sabatina.

— Quanto tempo gasta durante a semana orando pela sua classe?

— É verdade! Envergonho-me em dizê-lo, mas algumas semanas eu nunca oro por êles.

— Acêrca do trabalho pessoal — não tem tempo, nem mesmo um pouco, para isso?

— Nem um momento, segundo sou capaz de ver.

— Já orou pedindo a Deus que lhe desse tempo para falar com cada aluno particularmente?

— Nunca pensei em orar que Deus me desse tempo para isso.

— Que pensa escrever-lhes? Não podia es-

crever a um aluno cada semana, pelo menos algumas linhas?

— Sim, podia fazer isso.

— Quando algum aluno está ausente, vai a casa dêle para saber porquê?

— Não, não tenho tempo para isso.

— Então, porque não manda um postal dizendo que sentiu a falta e ficará contente em vê-lo no próximo Sábado?

— Realmente, irmão Pastor, vejo que não tenho feito nada a favor dos meus alunos.

— E, também, não há tempo no Sábado fora da hora da Escola Sabatina quando podia falar com êles?

— Não, isso é uma coisa impossível porque o irmão sabe que gosto de sempre assistir ao culto, e à reunião dos Missionários Voluntários, e além disso, gosto de fazer visitas aos meus amigos.

— Sinto-me contente em ver que é muito fiel em assistir às reuniões da igreja. Devia ser assim. Mas agora, caro irmão professor, penso que seria melhor deixar de parte tôdas as suas visitas que não sejam absolutamente

precisas no Sábado, e dedicar o tempo ao favor dos seus alunos, porque poderá haver trabalho mais importante aos olhos de Deus do que trazer os nossos queridos alunos aos pés de Jesus e guiá-los no caminho que conduz à salvação?

Também creio com todo o meu coração que se fizer dêste assunto um dos mais importantes e orar fervorosamente sôbre êle, que Deus abrirá o caminho pelo qual devia seguir para ser o maior auxílio para a sua classe.

Primeiramente, é preciso ter muita vontade para se sacrificar pelo bem dos seus alunos que Deus lhe tem confiado. É certamente de grande importância que cada professor esteja em contacto constante com seus alunos, animando-os, amando-os, aconselhando-os, mas sempre com boas maneiras, mostrando seu amor sincero por cada um e mostrando-lhes também o seu grande desejo de que se salvem.

— Muito obrigado, meu irmão Pastor, com a ajuda de Deus, hei-de ganhar todos os meus alunos para o reino de Deus.

Departamento da colportagem

Condições de êxito na venda

Dois colportores, conhecidos meus, trabalhavam com o mesmo livro em certa cidade e, por engano, um passou pelo mesmo território em que estava o outro. O colporteur que possuía mais experiência e era um vendedor melhor ofereceu o livro a uma senhora. Embora se esforçasse muito não obteve a encomenda. Pouco depois, ainda no mesmo dia, seu companheiro chegou à mesma casa e apresentando o livro à senhora, pôde vendê-lo. Como se explica isto?

Tem ocorrido na experiência do sinatário dêste artigo, e sem dúvida na de muitos outros também, que já passamos pela situação de cada um dos colportores mencionados, sendo que às vezes tivemos êxito onde os outros não o tiveram; ou não o tivemos enquanto outros o tinham. Alguns o explicariam pela simples razão — que em si não é razão alguma — que foi sorte. Outros diriam que dependeu das circunstâncias ou das maneiras do vendedor ou do freguês. Um terceiro diria que o atribue à presença de espírito no momento psicológico. É a presença de Deus, há-de dizer um outro, e cada um julga ser correcta a sua opinião.

Seria bom examinar aquilo que conduziu ao êxito ou ao fracasso ao vendermos os nossos livros. Nenhum colporteur deveria sair para vender um livro não o conhecendo a fundo. Deve

começar por vender êsse livro a si mesmo. Deve sentar-se e oferecer o livro à sua própria pessoa como se êle o tivesse de comprar. Se dêste modo o livro lhe fôsse oferecido, estaria disposto a pagar 10, 20 ou 30 escudos por êle? Se não o fizesse poderia ter a convicção que outros pagariam êsse preço pelo livro, sendo que talvez tenham menos interêsse em religião do que êle?

Para poder vender o livro a si mesmo, é necessário que o colporteur esteja convertido, que tenha passado por uma transformação, graças a mensagem que o livro contém e à pessoa que é a figura principal da obra. Depois, meditando nela e adorando-a torna-se o colporteur um representante vivo de Cristo. Êle habita entre o povo a quem encontra. É um com êles em seus assuntos gerais e sente-se contente por êles desejarem aquilo que fêz dele o que é.

Afinal, o colporteur não vende e livro, mas vende a si mesmo e o livro o acompanha. Depois se retira e deixa o livro com uma recordação daquilo que êle é. Já alguma vez encontrastes uma pessoa que tinha comprado um livro de algum colporteur, talvez há uns anos atrás e teve de contar mais acêrca do colporteur do que acêrca do livro?

Ninguém se interessa tanto em cousas, livros

ou em acontecimentos como em outras pessoas; e este interesse em eventos, livros e cousas está em proporção com o interesse na pessoa ou pessoas que estão relacionadas com estes livros, acontecimentos ou cousas.

A primeira condição é possuir uma personalidade atractiva, que há-de preparar o caminho para a segunda condição da venda de um livro atractivo. Não deve ser uma personalidade que esteja cheia do próprio eu, mas sim uma em que habite Cristo.

O colportor vende mais vezes a sua personalidade do que o livro. E essa é a venda invisível; é a venda que é de mais valor. Pela mesma espalha a semente e se inicia a germinação da verdade. Pode ser que um outro, muito mais tarde, passe pelo mesmo território e colha os frutos, venda o livro; mas não teria havido uma colheita sem uma sementeira.

Muitas vezes acontece que alguém por sua apresentação do livro não prova que está intimamente relacionado com êle e o herói nele descrito, e por conseguinte não consegue impressionar o freguês com um desejo forte bastante para que o queira.

Nenhum colportor cumpre com a nobre tarefa, a não ser que em primeiro lugar escolha um livro que encerre poder espiritual; que o venda a si e que por tê-lo lido tenha transformado a sua vida. Muitas mais pessoas comprariam os nossos livros com a sua mensagem vital se os que os levam, pudessem exclamar: «Olhai para mim e vêde o que êste livro tem feito por mim». Pois os compradores desejam ver algumas provas.

R. R. Thurber

(De *O Mensageiro Sul-Americano*)

FALA O ESPÍRITO DE PROFECIA

A VIDA VITORIOSA

(Última carta da Ir. White)

Caro amigo:

O Senhor deu-me uma mensagem para vós, e não somente para vós, mas também para outras almas fiéis que se acham perturbadas por dúvidas e temores quanto à sua aceitação pelo Senhor Jesus. Sua palavra para vós, é: «Não temas porque Eu te remi: chamei-te pelo teu nome, tu és Meu». Desejais agradar ao Senhor e assim podeis fazer mediante a fé em Suas promessas. Êle aguarda introduzir-se num pôrto de graciosa experiência, e pede-vos: «Aquietai-vos, e sabeí que Eu sou Deus». Tendes tido uma época de inquietação; mas Jesus vos diz: «Vinde a Mim... e Eu vos aliviarei». A alegria de Cristo na alma vale tudo. «Então êles se alegram» porque têm o privilégio de descansar nos braços do eterno amor.

Afugentai vossa desconfiança de nosso Pai celestial. Em vez de falar de vossas dúvidas, delas vos desprendeí na fôrça de Jesus, e deixai brilhar a luz em vossa alma mediante a expressão de confiança em Deus. Sei que o Senhor está bem perto para vos dar vitória, e digo-vos: Sêde ajudado, fortalecido, elevado acima e para longe da escura prisão da incredulidade. As dúvidas acudirão à vossa mente, porque Satanás vos está buscando reter cativo em seu cruel poder; mas enfrentai-o na fôrça que Jesus está disposto a dar-nos, e vencei a

disposição de exprimir incredulidade em vosso Salvador.

Não faleis na própria ineficiência, nos próprios defeitos. Quando o desespero vos parece avassalar a alma, olhai para Jesus, dizendo: Êle vive para interceder por mim. Esquecei as coisas que atrás ficam, e crêde na promessa: «Virei outra vez», e «em vós farei morada».

Deus aguarda conceder as bênçãos da absolvição, do perdão da iniquidade, dos dons da justiça, a todos quantos crêem em Seu amor e aceitarem a salvação que Êle oferece. Cristo está disposto a dizer ao pecador arrependido: «Eis que tenho feito com que passe de ti a tua iniquidade, e te vestirei de vestidos novos». O sangue de Jesus Cristo é a eloquente defesa que fala em favor do pecador. Êste sangue «purifica de todo o pecado».

Ê vosso privilégio confiar no amor de Jesus quanto à salvação pela mais plena, segura e nobre maneira; dizer: Êle me ama, Êle me recebe; hei-de confiar nêle, pois deu por mim Sua vida. Coisa alguma dissipa as dúvidas, como pôr-nos em contacto com o carácter de Cristo. Êle declara: «O que vem a Mim de maneira nenhuma o lançarei fora»; isto é, não há possibilidade de Eu o lançar fora, pois empenhei Minha palavra quanto a recebê-lo. Pegai na palavra de Cristo, e declarem vossos lábios haverdes obtido a vitória.

Ê Jesus verdadeiro? Quere Êle dizer mesmo

aquilo que diz? Respondei decididamente: Sim, em cada palavra. Então, se haveis assentado isto, reclamai pela fé cada promessa por Êle feita, e recebei a bênção; pois esta aceitação pela fé dá vida à alma. Podeis crer que Jesus vos é fiel ainda mesmo que vos sintais o mais fraco e indigno de Seus filhos. E ao credes, tôdas as sombrias dúvidas nutridas são lançadas sôbre o enganador, em quem se originaram. Podeis ser uma grande bênção, uma vez que pegueis a Deus em Sua palavra. Mediante uma fé viva nêle podeis confiar, ainda que seja forte dentro de vós o impulso de proferir palavras de desconfiança.

Sobrevém a paz quando nos colocamos sob a dependência do favor divino. Assim que a alma resolve agir em harmonia com a luz facultada, o Espírito concede mais luz e poder. A graça do Espírito é fornecida para cooperar com a resolução da alma, mas não é um substituto para o exercício espiritual da fé. O êxito na vida cristã depende de nos apoderarmos da luz dada por Deus. Não é a abundância de luz e de provas o que torna a alma livre em Cristo; é o erguimento das faculdades, da vontade e das energias da alma no sincero clamor: «Eu creio, Senhor! ajuda a minha incredulidade».

Regozijo-me nas luminosas perspectivas do futuro, e o mesmo vos é possível a vós. Sêde animosos, e louvai ao Senhor por sua amável benignidade. Aquilo que vos não é dado compreender, confiai-Lhe, a Êle. Ama-vos, e Se compadece da vossa própria fraqueza. Êle «nos abençoou com tôdas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo». Não satisfaria ao coração do Infinito dar aos que amam o Seu Filho, uma bênção menor que a que dá ao próprio Filho.

Satanás procura desviar-nos a mente do poderoso Ajudador, levando nos a considerar a própria degeneração de alma. Mas se bem que Jesus veja a culpa do passado, pronuncia o perdão; e não O devemos deshonrar duvidando do seu amor. O sentimento de culpa deve ser depositado aos pés da Cruz; de contrário envenenará as fontes da vida. Quando Satanás vos atira suas ameaças, desviái-vos delas, e confortai a alma com as promessas de Deus. A nuvem pode ser em si mesma escura, mas quando cheia da luz do céu, torna-se brilhante como o ouro; pois sôbre ela repousa a glória de Deus.

Os filhos de Deus não devem estar subordinados a sentimentos e emoções. Quando oscilam entre a esperança e o temor, o coração de Cristo é magoado; pois tem-lhes dado inequívocas provas do seu amor. Quere que sejam firmados, fortalecidos e tranqüilizados na mais santa fé. Quere que façam a obra que

lhes deu a fazer; então o coração se lhes tornará em suas mãos qual harpa sagrada, cujas cordas desprenderão louvor e acções de graças Àquele que foi enviado por Deus para tirar os pecados do mundo.

O amor de Cristo pelos Seus filhos é tão terno quão forte. E é mais forte do que a morte; pois Êle morreu para nos comprar a salvação, tornando-nos um com Êle, mística e eternamente um. Tão forte é êsse amor, que rege todos os Seus poderes, e emprega os vastos recursos do céu para fazer bem ao Seu povo. É sem mudança ou sombra de variação — o mesmo ontem, hoje e eternamente. Se bem que o pecado tenha existido por séculos, buscando neutralizar êste amor e impedir-lhe o fluxo em direcção à terra, êle flue ainda, em caudalosas correntes, para aquêles por quem Cristo morreu.

Deus ama os anjos que nunca pecaram, que O servem e são obedientes às Suas ordens; mas não lhes concede graça: êles dela nunca necessitaram, por isso que não pecaram nunca. A graça é um atributo manifestado para com os imerecedores sêres humanos. Nós não a buscamos; ela foi enviada em busca de nós. Deus se regozija em conceder graça a todos quantos dela têm fome e sêde, não porque somos dignos, mas por sermos indignos. Nossa necessidade, eis o título de habilitação que nos garante o recebimento do dom.

Não deve ser difícil lembrar que o Senhor deseja Lhe depositeis aos pés vossas aflições e perplexidades, deixando-as aí ficar. Ide ter com Êle, dizendo: «Senhor, meus fardos são pesados demais para mim. Não queres tu levá-los em meu lugar?» E Êle responderá: «Eu os levarei. Com perpétua bondade Me compadecerei de ti. Tirarei os teus pecados, e dar-te-ei a paz. Não afugentes por mais tempo o respeito de ti mesmo; pois te comprei a preço do Meu próprio sangue. Tu és Meu; tua enfraquecida vontade, Eu a fortalecerei. Eu removerei teu remorso pelo pecado».

«Eu, Eu mesmo», declara o Senhor, «sou o que apaga as tuas transgressões por amor de Mim, e dos teus pecados Me não lembro. Procura lembrar-Me; entremos em juízo juntamente; apresenta as tuas razões, para que te possa justificar». «Não falei em sêgrêdo, nem em lugar algum escuro da terra: Não disse à descendência de Jacob: Buscai-Me em vão: Eu sou o Senhor, que falo a justiça, e anuncio coisas rectas». «Olhai para mim, e sereis salvos, vós, todos os têrmos da terra; porque Eu sou Deus, e não há outro». Respondei aos chamados da misericórdia de Deus, e dizei: «Crerei no Senhor, e serei confortado. Louvarei ao Senhor, pois Sua ira se desviou. Regozijar-me-ei em Deus, que dá a vitória».

NOTÍCIAS DO CAMPO

Conferência Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia

CONVOCAÇÃO

Como temos presentemente o prazer da visita do nosso Ir. W. R. Beach, secretário da Divisão Sul-Europeia, julgamos da máxima oportunidade convocar todos os nossos irmãos para realizar as nossas Assembleias Anuais e, conjuntamente, a Assembleia Geral nos termos do art. 6.º dos Estatutos. Rogamos, pois, aos Irmãos Pastores e Directores das diferentes Congregações que tenham a bondade de fazer eleger os respectivos delegados e que nos honrem com a sua presença no dia 18 do corrente, em que faremos a primeira reunião pelas 21 horas. Caso não queiram estar com maçada de novas eleições, sugerimos que considerem como válidas as eleições realizadas no verão passado; mas, bem entendido, que poderão seguir o plano que julgarem melhor.

Nestes tempos calamitosos e na incerteza do futuro, cremos que valerá a pena fazer um sacrifício e vir até Lisboa, caso desejemos fortalecer os laços da verdadeira amizade que deve unir os filhos de Deus.

Vosso no serviço,

A. Dias Gomes

Portalegre — O Senhor nosso Deus não muda. Mal. 3:6; Tiago 1:17. Ele é o mesmo Deus poderoso de sempre.

Responde hoje com tanta certeza às orações que Lhe são dirigidas, quando feitas com fé, como o fazia há centenas e milhares de anos atrás, como por exemplo: a Daniel, Moisés e Job.

A igreja de Portalegre é uma fiel testemunha do que acima dizemos. As suas orações e votos, feitos a Deus nosso Senhor e Pai, no princípio de 1940, foram por Ele atendidos e executados.

Pedimos Lhe para nos conceder a graça, de alcançarmos todos os nossos alvos financeiros, e também o de ganhar almas à verdade; apesar de serem os maiores até hoje apresentados à igreja de Portalegre, eles foram na verdade alcançados. Em contraste com os mesmos, o ano de 1940, foi o ano de mais fome, desemprego e falta de dinheiro. Faltou o trigo, o azeite e o vinho, única fonte de riqueza no Alentejo, fecharam também as minas de Aljustrel e de S. Domingos, onde trabalhavam milhares de homens. Foi porém num ano como este que o Senhor quis mostrar o Seu poder, para que nós pudéssemos ver que foi Ele quem tudo fez.

O primeiro gigante que tivemos de defrontar, foi o da Grande Semana, ele era na verdade poderoso e nós mui fraquinhos! Que fazer então? Resolvemos unir as nossas forças e combatê-lo.

Se bem o pensámos melhor o fizemos, e dentro em pouco, o gigante estava por terra.

Mal refeitos ainda, da renhida luta que tivemos com este, visto que poucos meses se tinham passado, apareceu-nos o Golias (Campanha do Outono) aproximadamente dez vezes mais forte que o primeiro. O mais valente de entre nós, tremia perante ele. Achávamo-nos tão impotentes para o combater como os homens de Saúl, em vista das dificuldades acima descritas. Porém, o espírito do jovem David repousou sobre nós, e como ele fez, nós fizemos também, despimos a armadura do rei Saúl (confiança em nós mesmos) descemos ao rio das águas vivas Apoc. 22:1, tomámos de lá umas pedrinhas brancas Apoc. 2:17, colocámo-las na funda da nossa confiança em Deus. levantámos os nossos olhos para a cabeça do Golias, que se erguia altiva e ameaçadora. Assestámos as nossas armas à testa do gigante dizendo-lhe ao mesmo tempo: nós vimos a ti, em nome do Senhor a quem tens ofendido; Ele te entregará na nossa mão, e a tua derrota será a sua glória. Disparámos, e logo o gigante caiu por terra sem mais sinais de vida. O maior dos nossos inimigos estava para sempre vencido.

O departamento da E. Sabatina tendo à frente como seu dirigente o Irmão José M. Laranjeira, também alcançou os seus alvos astronómicos apesar da extrema pobreza da maioria dos seus membros.

A Sociedade Missionária, tendo como director o Irmão João J. Ribeiro, também alcançou os seus objectivos, tendo atingido neste ano passado de 1940, o seu maior progresso (em Portalegre).

A Sociedade dos Missionários Voluntários, graças à óptima direcção do Irmão Eliseu, e bem assim à boa colaboração dos seus membros, atingiu também a maior glória.

1940 foi para os jovens de Portalegre, o seu ano áureo. Conseguiram organizar uma boa biblioteca com aproximadamente 100 volumes, pequenos e grandes é claro, entre estes porém encontram-se todos os livros do E. de Profecia em português, guardados numa linda e valiosa estante, também adquirida pela juventude. Todas as obras existentes são franqueadas aos membros da igreja mediante requisição. Como coroa de todas as realizações da juventude uma grande parte dos seus membros entregou-se ao Senhor pelas águas do baptismo. Em resultado de uma maior atenção, por nós dedicada aos jovens, 6 dentre eles pediram o seu baptismo agora quasi no fim do ano, o qual teve realização a 28 de Dezembro passado. Aqui também a igreja viu a graça de Deus, ela tinha votado e pedido ao Senhor 30 almas salvas e entradas na congregação. Ora com estes 6 jovens e mais 23 almas que se tinham baptizado até essa altura, fazem o número de 29.

Faltava uma. A igreja confiante no Senhor, pois Ele lhe tinha dado a vitória em todos os outros alvos, orava a Deus por uma alma convertida. O Senhor atendeu o seu pedido. Ele mesmo com o Seu santo Espírito trabalhou e converteu uma alma, e depois Ele mesmo no la trouxe ao nosso meio. Esta alma era uma ovelhinha que se tinha desgarrado do aprisco há já vários anos, mas que agora voltou, impressionada com o baptismo duma jovem sua parente. Desde então nunca mais pôde descansar sem se entregar novamente a Deus. Essa alma é a nossa Irmã em Cristo Marta Ribeiro Facha. No dia 31 de Dezembro a igreja reuniu-se extraordinariamente para tratar do seu caso, e por fim todos os Irmãos com os seus rostos brilhando de alegria aprovaram por unanimidade a sua entrada na congregação. Assim o Senhor respondeu a todos os nossos votos dando nos a graça de alcançarmos 30 almas em 1940, bem como todos os outros. A igreja de Portalgre está agora mais firme na fé por ver que Deus a ouviu em tudo apesar dos seus muitos defeitos, e por isso deseja dizer estas verdades a toda a gente.

Resolveu por isso, abrir trabalho na linda vila de Niza, e cheios de alegria muitos dos seus membros tirando talvez ao estômago o que lhe fazia falta, arranjaram com alegre sacrificio, o dinheiro para o seu bilhete para a camionete.

Desta maneira 32 bons Irmãos foram até àquela lugar, para expressar àquela gente a alegria que lhe ia na alma.

Chegados lá não pudémos realizar a nossa reunião, porque nessa mesma tarde realizar se-ia uma outra também religiosa, mas católica. O conferente era o eminentíssimo orador, Senhor Dr. Querubim de Guimarães (antigo deputado).

O senhor administrador não nos deixou realizar a nossa reunião devido, segundo ele dizia, a anularem uma à outra. Disse: não vejam em mim má vontade; eu, disse ele ainda, já pensei em os senhores fazerem a vossa reunião connosco no teatro, e estabelecendo a controvérsia.

Dissemos-lhes: boa ideia senhor Doutor! Mas ele por fim arrependeu-se e não quis, dizendo que não daria bom resultado.

Contudo os nossos Irmãos não ficaram ociosos, distribuíram 400 folhetos de propaganda à nossa reunião que devia ter lugar daí a 15 dias, e 200 folhetos *V. Eternas*.

Chegado o dia designado, lá estavam os nossos Irmãos com novo sacrificio pagando novo bilhete, bem como alguns prezados amigos interessados da R. de Niza, a quem muito agradecemos.

540\$00 foi quanto a igreja, apesar de pobre, arranjou para as camionetes no prazo de 15 dias.

Isto revela o bom espirito missionário de que ela está possuída, desde que Deus a atendeu.

Permita o Senhor que este zêlo não desapareça, e que o voto que fizemos no principio de 1941 de sermos mais francos uns com os outros, mais leais, mais unidos e ainda mais zelosos, se cumpra e no fim de 1941 possamos estar tão gratos a Deus como agora.

Marcelino Matos Viegas

SUMÁRIO

<i>Levanta-te, Igreja, e acaba a tua obra — Um apêlo ao evangelismo feito pelo Concilio do Outono de 1940</i>	1
<i>«Portai-vos varonilmente»</i>	2
<i>Será permitido às senhoras falar na Igreja?</i>	4
<i>O Sabado na Etiópia segundo os escritores portugueses</i>	5
<i>Através do mundo Adventista</i>	8
<i>Escola Sabatina — Classe dos menores</i> ...	10
<i>As dificuldades de um professor da escola Sabatina</i>	11
<i>Departamento da colportagem — Condições de êxito na venda</i>	12
<i>Fala o espirito de profecia — A vida victoriosa</i>	13
<i>Noticias do campo</i>	15

REVISTA ADVENTISTA

Órgão exclusivamente religioso e de informação da União Portuguesa das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia

Publicação bi-mestral

Director: *Dr. A. J. Girou*

Redactor: *Ernesto Ferreira*

Administrador: *P. Brito Ribeiro*

Redacção e Administração,
Rua das Picoas, G. F. C., 3.º — Lisboa-Norte

Número avulso

Assinatura anual

Composto e impresso na Imprensa LUCAS & C.^a

Rua do Diário de Notícias, 61 — LISBOA